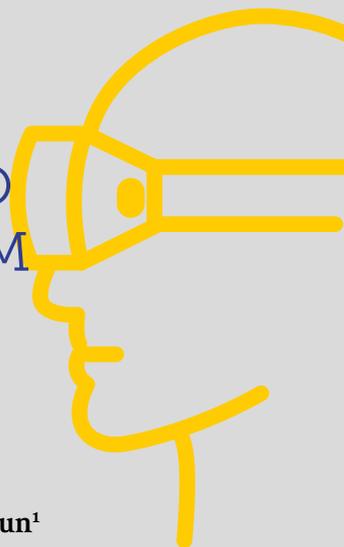


DO MAL ESTAR NA EDUCAÇÃO À UMA LINGUAGEM PARA ALÉM DO VIRTUAL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TUTORIA



Davide Chareun¹
Gustavo Angeli²

¹ Graduado em psicologia, tutor do curso de psicologia do Centro Universitário Avantis – UNIAVAN. E-mail: davide.chareun@uniavan.edu.br.

² Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau, doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do Curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE. E-mail: gustavoangeli@gmail.com.

RESUMO

A dimensão educacional se encontra atravessada por uma mudança radical, tanto no que diz respeito à inserção de metodologias híbridas para a construção de um processo de ensino aprendizagem que atenda a demanda do mercado capitalista, quanto ao momento desestruturante que o mundo está vivenciando devido ao vírus COVID-19. Assim percebe-se a necessidade de investigar essas mudanças e pensar em estratégias educativas que possam gerar laço entre o aluno e o saber. Dessa forma, o presente trabalho se configura como estudo de caso e tem como objetivo investigar, a partir da teoria psicanalítica, o contexto de mal-estar que perpassa a educação, para sucessivamente, a partir do relato de uma primeira experiência vivenciada pelo autor no exercício da função de tutor do curso de Psicologia no Centro Universitário Uniavan, refletir sobre a transmissão do saber na modalidade virtual. A intervenção da arte no processo educacional vinculado à tutoria possibilitou amenizar a angústia vivenciada por causa do isolamento social e possibilitar contato e troca humana que ultrapassasse o limite do virtual. Os desdobramentos escutados deste percurso permitem apontar que a inserção de conteúdos artísticos como: músicas, poesias, aforismas e imagens, constituíram uma linguagem que potencializou e amplificou a relação entre o aluno, o tutor e o material pedagógico disponibilizado na plataforma virtual do Centro Universitário.

Palavras-chave: Educação. Psicanálise. Tutoria. Virtualidade.



EDITORA
AVANTIS



FROM MALAISE IN EDUCATION TO A LANGUAGE BEYOND THE VIRTUAL: A CASE STUDY ON TUTORING

ABSTRACT

Faced with the radical change that is going through the educational dimension, both with respect to the insertion of hybrid methodologies for the construction of a learning teaching process that meets the demand of the capitalist market, and the destructuring moment that the world is experiencing due to the COVID-19 virus, it is necessary to analyze these changes and think about educational strategies that can generate a bond between the student and knowledge. Thus, the present work is configured as a case study and aims to investigate, from psychoanalytic theory, the context of unease that permeates education, to successively, from the account of experience experienced by the author in the exercise of the role of tutor in the Psychology course at the Uniavan University Center, reflect on the transmission of knowledge in the virtual mode. The choice of art in the educational process linked to tutoring made it possible to alleviate the anguish experienced because of social isolation, to make possible human contact and exchange that went beyond the limit of the virtual, to humanize the staticity and coldness of the virtual “Classroom” system. The developments heard in this course allow us to point out that the insertion of artistic contents such as: music, poetry, aphorisms and images, constituted a language that enhanced and amplified the relationship between the student, the tutor and the pedagogical material available in the virtual platform of the University Center.

Keywords: Education. Psychoanalysis. Tutoring. Virtuality.

1 INTRODUÇÃO

O ofício da educação foi considerado por Freud (1925/1980) uma das três profissões impossíveis, junto ao governar e ao psicanalisar. Essa visão diz respeito à impossibilidade da garantia, da certeza, de um resultado quantificável e reproduzível desses fazeres, pois, são caracterizados pela singularidade do sujeito do inconsciente. Assim, pensar em uma definição única do “bom professor e aluno” ou da “pedagogia correta”, sendo esses lugares que variam a partir do sujeito que os ocupa,

seria um ato fadado ao fracasso.

Por isso, frente à temática do mal-estar na educação, toma-se a psicanálise como ferramenta para olhar o singular, tanto em nível subjetivo quanto no social, escutando os processos inconscientes que perpassam as relações humanas. Para tanto, será necessário investigar esse mal-estar que não só atravessa a educação, mas, que de acordo com Freud (1930/2006), é o afeto gerado pelo convívio do sujeito no corpo social, e evidenciar os movimentos inconscientes dessa dimensão no plano singular e nas mudanças históricas e sociais que determinam lugares diferentes da educação na sociedade. Segundo Recalcati (2014), o declínio da autoridade do professor, a privatização massiva das instituições de ensino, a necessidade das academias de formar rapidamente profissionais e não sujeitos implicados com o próprio desejo pelo saber, a reprodução alienante de um saber já mastigado para um consumo rápido do aluno e a tentativa sempre mais concreta de substituir a vivência real do ensino pela virtual, são questões que refletem uma sociedade que se sustenta a partir de um sistema econômico que defende valores como o consumismo, produção, velocidade e superficialidade.

Assim, o mal-estar se apresenta na angústia vivenciada pelo professor na dificuldade de ocupar o lugar de um mestre que atua na transmissão de um saber que possibilita investimentos libidinais dos alunos, na falta de reconhecimento da sociedade e do estado sobre a importância de sua atuação e no desgaste psicofísico gerado pela tentativa alienante de atender a demanda impossível das instituições e dos alunos. Já nesses últimos, percebe-se a dificuldade de se relacionar com o saber de forma ativa, na resistência à produção de um saber original, na fragilidade do sujeito frente à castração e aos limites que a todo momento se presentificam no percurso educacional. Aliado a esse contexto, a pandemia causada pelo COVID-19 amplificou profundamente esses sintomas, que já estavam presentes, mas, que nesse momento, estão imobilizando e paralisando os sujeitos.

Esse estudo nasceu nesse contexto, a partir de uma experiência vivenciada na dimensão acadêmica, quando o autor começou a trabalhar como tutor no começo de 2020 no Centro Universitário Avantis - UniAvan e após a publicação de um primeiro relato dessa experiência no *e-book* "Inovação em Práticas de Ensino-Aprendizagem no Ensino Superior" (CHAREUN, 2020). Durante essa vivência, a instituição incorporou na metodologia de ensino o conceito de educação híbrida, que articula o processo de aprendizagem presencial com o ensino a distância, e, ao mesmo tempo,

um mês após o início do semestre, a pandemia obrigou a reestruturação das aulas para a forma completamente virtual. Nisso, a tutoria entrou em cena na instituição como possibilidade de ocupar um lugar de conexão entre o aluno e a plataforma “sala de aula”, e como mediador entre o acadêmico e o professor nessa nova comunicação virtual.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar, a partir da teoria psicanalítica, o contexto de mal-estar que perpassa a educação, para sucessivamente, discorrer sobre os efeitos escutados que a prática de transmissão de saber utilizada possibilitou na relação entre tutor, aluno e sistema virtual.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Essa breve introdução teórica visa ocupar uma função preparatória para o leitor, na expectativa que seja possível esclarecer, na medida do possível, conceitos vastos e incompletos e, ao mesmo tempo, questionar uma visão positivista de indivíduo que geralmente domina as dimensões humanas na sociedade, por exemplo a educação. Assim, para dar continuidade no percurso teórico, serão apresentados os conceitos de sexualidade e pulsão, com o propósito de apresentar a relação que Freud encontrou entre educação e psicanálise, demarcando o laço que o sujeito pode fazer com o saber a partir do deslizamento possível entre pulsão sexual e pulsão de saber.

2.1 SEXUALIDADE E PULSÃO

Em 1905 Freud publicou um livro que mudou totalmente o conceito de sexualidade que até aquele momento predominava na cultura ocidental. Com sua obra “Três ensaios sobre a sexualidade”, ele desconstrói a visão de um sujeito sexualmente normal ou patológico e abre as portas para a leitura do mapa que aponta ao tesouro não lembrado do sujeito, a sexualidade infantil: história de como o sujeito foi marcado pela pulsão e erotizado pelo outro, questionando a visão de uma sexualidade natural e definida biologicamente pelo órgão sexual.

De acordo com Freud (1905/1974), há uma relação fraturada entre o que é

da ordem do instinto e o que é da ordem da pulsão. Se por um lado o instinto diz respeito à necessidade, à dimensão biológica e anatômica do sujeito, a pulsão está diretamente relacionada ao inconsciente e ao prazer. O conceito de pulsão passa a ocupar então uma posição central nessa nova visão de sexualidade, definida por Freud (1915/2004) como um conceito limítrofe entre o somático e o psíquico, interligado à libido, sendo vinculada à uma representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem constantemente. Com isso, ao colocar a pulsão como bússola do investimento libidinal, a noção de sexualidade se articula a algo de indefinível, que diz respeito à forma como esse impulso se inscreveu na infância do sujeito. Nesse processo de inscrição, a pulsão, assentando-se na função instintiva e desviando o seu propósito, ocupa um lugar de primazia na constituição da sexualidade e da subjetividade do sujeito (FREUD, 1905/1974).

Assim, é importante pensar no lugar que o outro, através da linguagem, ocupa na constituição da sexualidade, pois, a forma como esse outro seduziu, marcou, erotizou e participou no processo identificatório do sujeito, irá traçar o objeto de satisfação da pulsão e a posição subjetiva perante esse objeto.

Freud (1905/1974) revela a natureza perverso polimorfa da criança no que diz respeito à possibilidade de alcançar o prazer de diversas formas, sem eleger uma via específica para a satisfação. Esse aspecto é relacionado ao objeto móvel e mutável ao qual se liga a pulsão. Por isso, pode-se identificar um período anterior à canalização da pulsão na zona genital, quando não há ainda interesse pela cópula propriamente dita, onde as pulsões sexuais parciais circunscrevem vários objetos. Como apresenta Kupfer (1989), somente depois que as pulsões parciais serão reunidas para estruturar a genitalidade é que haverá um movimento de busca de um objeto sexual pela criança. E antes desse momento, a pulsão só poderá buscar o prazer pelo órgão com o qual estiver ligado, definindo assim a zona erógena: “olho, no caso da contemplação; genital próprio, no caso da masturbação; boca, no caso da sucção do polegar; ânus, no caso da defecção” (KUPFER, 1989, p. 41).

Esse é o momento no qual, de acordo com Freud (1908), a pulsão sexual é constituída por diversas pulsões parciais que começam a traçar o caminho pela busca do prazer e, a criança, ao criar teorias próprias, ao investigar sobre a sua excitação e as suas sensações e ao se deparar com a sexualidade do outro, sempre em nível inconsciente, estaria criando um lugar subjetivo no mundo.

Assim, é na sexualidade infantil que se encontra o berço das marcas pulsio-

nais que traçam a sexualidade e o desejo do sujeito na vida adulta. Nisso, o espaço que a pulsão do saber ocupa no sujeito pode estar relacionado à forma como o mesmo, na sua época infantil, viveu a investigação da sua própria sexualidade.

De acordo com Kupfer (1989), será por essa via que Freud proporá uma articulação entre educação e psicanálise, ao colocar que o saber, inicialmente a curiosidade da criança pela sexualidade, poderá sucessivamente se deslocar para a busca e a investigação de outras formas de saber. De certa forma, muito mais do que sugerir uma educação certa ou errada, o pai da psicanálise apresenta os possíveis e não garantidos efeitos gerados por sustentar e acompanhar, da parte do cuidador ou do educador, a investigação sexual da criança.

Esse movimento de investimento libidinal pode encontrar um dos possíveis caminhos da pulsão que Freud (1915/2004) define em seu texto *Pulsões e seus destinos*, o da sublimação. Esse destino marca uma outra forma de canalizar a libido para além da pulsão sexual, que “consiste na substituição dos objetos e alvos sexuais, para os quais tendiam a pulsão, por outros não sexuais, porém, investidos de valor social” (SANTOS, 2020, p. 10), sempre lembrando que uma pulsão sublimada não deixa de ser sexual, mas que os seus objetos de satisfação não tenderão estritamente à via sexual propriamente dita, mas nesse caso, pela via do saber e pelo conhecimento (SANTOS, 2020).

Ao apresentar o domínio da pulsão e do inconsciente na vida do sujeito, percebe-se o que Freud queria apontar definindo a educação um dos três ofícios impossíveis. O impossível é o nome do encontro traumático com o limite que a experiência da linguagem possibilita (RECALCATI, 2014). Em outras palavras, aquilo que Lacan chama de “real”, ou seja, aquilo que não para de não se escrever. O real é o impossível de mensurar e controlar, é o indizível, é aquilo que causa angústia e que não pode ser replicado. De certa forma, a educação é uma prática que coloca continuamente os sujeitos diante de um vazio “real”, por um lado o professor encontra-se diante de um sujeito singular, de imaginários produzidos que não condizem com a realidade e com desejos que nem sempre são os esperados, ou seja, não é possível fazer alguém desejar. Por outro lado, o aluno se desorganiza ao presentificar a castração, o limite frente um gozo impossível, o acaso e se frustra diante da demanda colocada pelo professor de ser produtor e não consumidor de conhecimento. Isso é o que a psicanálise aponta com a sua escuta para a educação: a possibilidade de pensar em um saber que desperte e se torne via e caminho pulsional e, ao mesmo tempo, a impos-

sibilidade de enclausurar o desejo pelo saber, de criar ou reproduzir um método na expectativa de um resultado previsível.

2.3 MAL-ESTAR NA EDUCAÇÃO

Antes de focar no “mal-estar” na dimensão educacional, é necessário conceituar esse termo a partir da visão da psicanálise. Freud em “O mal-estar na civilização” (1930/2006), utiliza a psicanálise para discorrer sobre a gênese do mal-estar sentido pelo sujeito ao viver na civilização. Como ponto de partida, Freud define o princípio do prazer como a função primária do aparelho psíquico, que move o sujeito na busca do prazer e a evitação do desprazer. Assim, essa busca, inalcançável na sua totalidade, se resumiria à satisfação momentânea da pulsão. Já o desprazer, que aparece com intensidade na vida do sujeito, se manifestaria a partir de um acúmulo de tensão energética no organismo. Segundo o autor, este último aspecto seria relacionado à principal condição do ser humano para poder viver em sociedade, ou seja, a renúncia da satisfação das pulsões. Esse conflito seria a condição *sine qua non* da cultura.

Com isso, é da ordem do impossível um *status quo* de satisfação e de convívio pleno entre os sujeitos mergulhados na comunidade, porém se faz necessário pesquisar e questionar esse “mal-estar”, visando analisar as suas facetas e pensar em possíveis estratégias para suportar o sofrimento, especialmente no que diz respeito ao ambiente educacional, sendo esse uma das “pétalas” da cultura onde os sujeitos encontram-se em grave sofrimento psíquico.

Frente esse contexto, o presente artigo propõe duas leituras que se articulam entre si: a área da educação como mais um reflexo da sociedade capitalista e pós-moderna, que sofre dos impactos de uma constante mudança histórica, econômica e social, e o declínio da função paterna nas instituições humanas contemporâneas.

Atualmente o modelo educacional reflete valores morais, culturais e políticos que sustentam o modelo econômico capitalista voltado para o consumo e a produção. De acordo com Recalcati (2014), a padronização e a normalização de um modelo educacional reprodutor de conhecimento que enfatiza a superficialidade e o tecnicismo tem o principal propósito de produzir e formar indivíduos aptos e prontos para atender a demanda de um mercado de trabalho que fomenta a exclusão, o individualismo e a superficialidade.

Ao entrarmos na questão do mal-estar contemporâneo na educação como um reflexo do capitalismo, toma-se a leitura lacaniana sobre o “discurso do capitalista” para investigar de que forma a educação reflete os valores e reproduz o discurso de um sistema econômico que aniquila a singularidade e a posição subjetiva dos seus atores.

De acordo com Mariotto (2017), se para Lacan o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a sua manifestação só se concretiza sob forma discursiva. Assim, o sujeito é atravessado pela linguagem na medida em que é amarrado no laço com o outro e, por isso, a forma pela qual os sujeitos estruturam os laços transferências define o conceito de discurso.

Lacan (1969-1970/1992) no seminário *O Averso da Psicanálise* trabalhou extensamente os quatro discursos que definem as diferentes formas dos sujeitos fazerem laço no social: o do *Mestre*, o da *Histérica*, o *Universitário* e o do *Analista*. Nesse trabalho, não se pretende discorrer sobre todos os discursos, mas focar no discurso do mestre e do universitário, para inserir sucessivamente um quinto discurso que emerge a partir desse dois: o do capitalista.

Como aponta Mariotto (2017, p. 7) o discurso do mestre:

[...] podemos defini-lo como aquele em que o agente, na condição de detentor do saber, convoca o outro como escravo, exigindo que trabalhe muito e lhe entregue o fruto do seu suor, isto é, que o satisfaça. É o discurso por excelência da constituição do sujeito, pois se trata de manter-se alienado ao outro como condição de subjetivação, supondo no Mestre o saber sobre si. Pelo lado do Mestre, é o outro que detém seu gozo, pois sabe como fazê-lo gozar. Assim, o Senhor - a mãe, o professor, o governante, o pai - depende do Escravo - o filho, o aluno, o súdito. [...] O Mestre é castrado e, por isso, dirige-se ao outro pedindo que lhe dê o que não tem. Assim, o outro é quem sabe como deixar seu mestre satisfeito.

De certa forma, ao pensarmos esse discurso na dimensão educacional, o educador é aquele que ocuparia um lugar de mestre e de saber, mas, um saber furado e demarcado pelo limite. Assim, pensar a educação a partir do discurso de mestre significa considerar “que há tanto no lugar do educador - agente - quanto do educando - outro - um saber que opera, um saber sobre o impossível de tudo saber” (MARIOTTO, 2017, p. 7).

Por sua vez, o discurso Universitário é o discurso produtor do saber, entendido como verdade e representado pelo cientificismo, que aniquila a singularidade do

saber do sujeito, colocando-o em uma posição passiva frente ao saber, impulsionando o consumo de um conhecimento já produzido (LACAN, 1969-1970/1992).

Diante desse tipo de discurso, o educador se apresentaria como representante da verdade, de um todo saber, ocupando o lugar de “cientista”. Assim, quando a educação desliza para o discurso universitário, o aluno acaba ocupando um lugar de objeto frente à produção do saber. Um lugar passivo que impulsiona uma repetição alienante à reprodução do saber- verdade.

De acordo com Alberti (2000), o discurso do capitalista surge na contemporaneidade em um momento em que há uma transformação no valor do saber, ou seja, quando:

[...] o discurso do mestre se coloca a serviço do cientificismo, o saber, escravo hegeliano, que detinha o saber do mestre, deixa de detê-lo, ao mestre capital já não interessa esse saber como ele podia, por exemplo, interessar a Sócrates. O cientificismo reduz tudo a números, a estatísticas e unidades de valor, o escravo, o outro no discurso do mestre, passa a ser uma mera unidade de valor de forma que até mesmo o mais-de-gozar passa a ser contabilizado (ALBERTI, 2000, p. 6).

Segundo Darriba e D’Escragnolle (2017, p. 548), “nossa modernidade, científica e capitalista, inaugura com ela não somente uma nova economia política, mas também uma nova cultura libidinal, na medida em que a satisfação se torna capturada pelo saber técnico”. Este saber seria o produtor, do que Lacan (1969-1970/1992) chama de “latusas”, os objetos produzidos na intrínseca relação entre capitalismo e cientificidade, presentes no mundo de forma massiva e ocupando o mesmo espaço dos sujeitos.

Neste contexto, o consumismo se revela como um possível movimento de esvaziamento da libido, onde, a procura e a busca para a posse do produto oferecido pelo mestre capitalista, que perpassa o mero valor social ou econômico, possibilita ao sujeito uma forma de satisfação pulsional vazia e alientante. Sendo importante demarcar que esse investimento pulsional fictício para o alcance de um constante prazer pode cristalizar o sujeito em uma posição passiva e sintomática centrada no gozo, permanecendo escravo de um discurso que aniquila a subjetividade.

Diante dessa perspectiva, na contemporaneidade o saber entraria na mesma cadeia dos objetos para o consumo, ou seja, mais um produto do discurso do capitalista que pode ser devorado de forma fácil, rápida e superficial. Esse é o movimento

que aparece na educação e, mais especificamente nos métodos de ensino-aprendizagem que estão ganhando sempre mais força nos últimos anos. Educação a distância, sistemas virtuais que acabam ocupando o lugar do encontro entre professor e aluno, instituições particulares de ensino que priorizam o lucro à formação ética e que demandam do aluno o mínimo esforço de produção de saber; são todas questões que refletem um movimento educacional que avança paralelamente às necessidades lucrativas e mercadológicas de um sistema econômico que visa o resultado imediato, eficaz e quantitativo.

De acordo com Recalcati (2014), a tendência ao retiro das relações sociais reforça uma relação simbiótica com o objeto tecnológico e a conexão perpétua na rede. Essa nova face virtual da educação tende a pulverizar o livro em favor da tecnologia, investindo na ilusão de um saber ilimitado, disponível e sem fadiga. Assim, a propagação das novas tecnologias e a ênfase libertária que acompanha a pós-modernidade arrisca transformar o computador, o tablete ou o celular em ferramentas que prometem amplificar o conhecimento na tentativa de abrir mão da palavra, da passagem obrigatória através da linguagem. “O risco é tomar o monitor do próprio *Pc* ou *iPad* como um espelho vazio, que, ao invés de abrir mundos, as fecha em uma autorreferencialidade mortífera” (RECALCATI, 2014, p. 21).

A segunda leitura diz respeito à visão de que a função paterna, conceito psicanalítico relacionado ao complexo de Édipo, seria agente principal na ordenação simbólica da castração do sujeito. Segundo Lacan (1957-1958/1998), a função paterna, “nome do pai”, atuaria como limite frente a satisfação e como possibilidade de busca de vida e de prazer para além da dualidade alienante mãe e filho. Assim, aquele ou aquilo que ocuparia essa função estaria inserindo no sujeito a lei, o interdito, norteador de certa forma o sujeito no direcionamento do seu desejo. A partir desse pressuposto, enquanto no século passado havia no corpo familiar e social uma presença mais marcante da função paterna, em que, entre os efeitos, apresentava-se uma certeza mais concreta do que o sujeito podia vir a ser, agora na contemporaneidade esse agente de subjetivação seria marcado por um declínio dessa função, gerando no sujeito um “desbussolamento” de seu desejo. Com isso, é possível perceber a sociedade atual como um corpo de horizontalidades e não de verticalidades, ou seja, aparece para o sujeito a possibilidade de poder vir a ser, de poder ter e de se poder satisfazer de qualquer forma.

Dessa forma, o enfraquecimento da função paterna e, assim, da operação cas-

tradadora que estrutura a posição do sujeito frente a falta e ao desejo apareceria de forma diferente na pós-modernidade. Se até o séc. XX, por exemplo na época vitoriana do Freud, a sociedade e as suas diversas dimensões refletiam o poderio do pai, da lei paterna e do interdito, atualmente esta lei inscreve-se de outras formas.

De acordo com Silva (2020), a autoridade do professor na contemporaneidade é mais imaginária do que simbólica, ou seja, o imaginário construído e esperado pelo corpo social em relação ao lugar que o professor ocupa não condiz com o espaço simbólico que de fato é ocupado na docência.

A escola é o palco por onde se estendem os dramas pessoais de cada professor, sujeitos que não se veem reconhecidos também como profissionais, impelidos ao exercício de uma função sem o mínimo necessário para que obtenha sucesso ou prazer. Há uma clara desvalorização desses profissionais e os professores estão no lugar de operários da escola, o que ratifica a desautorização docente. E o professor, mesmo longe do lugar de mestre, carrega cada vez mais forte uma marca da impostura [...]. (SILVA, 2020, p. 7)

Com isso, o professor carregaria a marca de uma impostura que denuncia a impossibilidade de atender as demandas tanto sociais quanto pessoais da sua atuação, não conseguindo se reconhecer no ideal construído e sentindo-se mergulhado em uma ferida narcísica avassaladora. Ao mesmo tempo o aluno, portador do próprio sofrimento, reflete e se espelha no mal-estar vivido na dimensão educacional. O laço de saber desejado na relação entre professor e aluno é atravessado por outras transferências, nas quais os dois atores atualizariam as próprias angústias.

Segundo Mariotto (2017), se o aprender significa sempre aprender com alguém, esse alguém só transmitirá o saber se for legitimado por aquele que quer aprender. Esse processo, marcado pela transferência, indica que o lugar do professor vai além do lugar daquele que pode transmitir o saber. “É o desejo inconsciente do aluno que está determinando o lugar a ele conferido, como uma espécie de tela onde serão depositadas projeções alheias a ele enquanto pessoas” (MARIOTTO, 2017, p. 2).

Assim, percebe-se que a mola propulsora desse laço é a transferência que se pode tecer entre o professor e o aluno. Por isto, somente se o professor conseguir ocupar o lugar de um saber percebido como objeto de desejo e transmitido com desejo, é que sua palavra terá poder suficiente para ser escutada pelo aluno como algo que possa investir a sua pulsão.

3 METODOLOGIA

O presente artigo refere-se a uma pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico que tem como objetivo investigar processos socioculturais e/ou processos psíquicos não necessariamente restritos à clínica tradicional. Esse tipo de pesquisa considera que a relação entre pesquisador/analista e objeto de estudo é continuamente atravessada pela transferência e o inconsciente, desconstruindo a visão positivista da neutralidade ilusória do pesquisador frente o fenômeno estudado (FIGUEREDO; MINERBO, 2006). Segundo os autores, há uma entrega inevitável do pesquisador na sua escuta sobre o fenômeno, pela qual, ao deixar-se fazer e ao construí-lo a partir de suas teorias e interpretações “faz desta pesquisa um momento na história de uma relação que não deixa nenhum dos termos tal como era, antes de a própria pesquisa ser iniciada” (FIGUEREDO; MINERBO, 2006, p. 4). Em outras palavras, esse é o efeito do inconsciente, ou seja, uma dimensão psíquica que não deixa de se manifestar no corpo e na fala do sujeito, uma força que não pode ser evitada ou esquecida.

Assim, investigar qualquer “objeto” em psicanálise, que seja um sujeito, um fenômeno social ou uma teoria implica escutar os processos inconscientes que passam o enunciado, aquilo que aparece, evidenciando o discurso da enunciação, o não dito. Para tanto, o método psicanalítico necessário, regra de ouro que sustenta o processo psicanalítico, é a associação livre, da parte do analisante, acompanhada pela atenção flutuante do analista. Embora essa regra tenha sido forjada e reconhecida inicialmente por Freud (1912/2010) como mola propulsora do processo analítico no seu sentido literal, esse pode acompanhar o analista para pensar outras formas de clínica e de pesquisa em psicanálise. Ao fazer isso, a transferência, tanto do lado do paciente quanto do analista, é inevitável, gerando efeitos que irão mudar as condições iniciais do processo de pesquisa.

Desta forma, o trabalho desenvolve-se na construção de um estudo de caso clínico, pensando em uma clínica outra, que foi possibilitada pela escuta analítica que o autor exerceu ao longo da sua experiência como tutor na instituição de ensino. Desse modo, o paciente em questão não é um paciente deitado no divã, mas sujeitos que se queixam e demandam uma escuta, atores inseridos na dimensão educacional da instituição.

De acordo com Guimarães e Bento (2008), entende-se o estudo de caso como

a escrita, a descrição e a teorização da clínica analítica, do *pathos*, ou seja, aquilo que é vivenciado durante o processo analítico atravessado pela transferência e pelas manifestações do inconsciente.

Cabe ressaltar, que estudo de caso em psicanálise é um significativo que condensa o singular “do (a) caso”, sempre em relação com o que é dito inesperadamente pelo sujeito, pelos tropeços, pelos recortes de seu discurso e pelo enunciado de sua narrativa. Com isso, é da ordem do impossível pensar na estruturação de um caso clínico visando à objetificação e à generalização.

Assim, o presente estudo de caso nasce a partir dos recortes das narrativas dos atores envolvidos na experiência de transmissão de saber que foi possível escutar e a escrita dessas reconstruções subjetivas sobre o fenômeno visam alcançar uma nova produção de sentidos e interpretações e não de reprodução ou de enclausuramento teórico. Para isso, em um primeiro momento efetuou-se um levantamento bibliográfico para situar o leitor no contexto que se pretende analisar e para aproximá-lo de alguns conceitos fundamentais para o entendimento da análise e das considerações produzidas.

Sucessivamente, procedeu-se na reconstrução da vivência, apresentando as demandas escutadas dos sujeitos envolvidos no processo educacional e a estratégia de transmissão de saber experimentada. Vale apontar que essa prática diz respeito a um processo criativo que possibilitou o envolvimento e escuta do autor, por isso, esse ato não visa transformar-se em uma metodologia, enquanto a sua experiência se deu nos encontros inconscientes dos sujeitos do inconsciente imersos na relação transferencial, por isso irreproduzível.

Por fim, será apresentada a análise das interpretações e dos efeitos escutados, com o propósito de costurar uma articulação com a teoria e com a esperança de deixar em aberto um espaço prático e teórico para a continuação da pesquisa.

4 A ESCUTA E O ATO

O início do ano letivo foi demarcado por duas mudanças radicais no cotidiano da instituição de ensino: a inserção da tutoria nos cursos anteriormente 100% presenciais e as aulas ministradas no formato virtual em decorrência das medidas de segurança e saúde adotadas no combate ao COVID-19.

Diante desta situação, os alunos e os professores precisaram reestruturar a própria relação com o ambiente acadêmico. O primeiro contato com a plataforma e com as aulas virtuais gerou reclamações, resistência e absenteísmo, dificultando a realização do propósito que a instituição legou ao tutor, sendo o de promover uma ponte de contato entre o aluno e o professor, desenvolver um ambiente virtual dinâmico e criativo, estabelecer um vínculo com os acadêmicos e ser um suporte à instituição (CHAREUN, 2020). Em parte, essas dificuldades surgiram diante do sofrimento que os atores envolvidos experimentaram pela angústia e pela frustração que os efeitos do inesperado geraram na vida de cada sujeito. Porém, é importante ressaltar que o sofrimento vivenciado no começo da pandemia, não está diretamente e unicamente relacionado ao vírus e seus efeitos, mas que, a dificuldade de suportar os limites e a falta de controle, de atender a demanda do curso seguindo regras, de produzir e não só consumir e de lidar com prazos definidos são questões que caracterizam o mal-estar vivenciado na dimensão educacional e que já estavam presentes de forma sintomática. Mas, naquele momento, quando esses sujeitos perderam o contato presencial do outro, o conforto do familiar e a garantia imaginária do controle, vivenciaram um elevado sofrimento psíquico, que amplificou os sintomas que já existiam.

Assim, prestando acolhimento aos alunos e aos professores que se relacionaram e entraram em contato com o tutor, foi possível escutar uma constante demanda de “amor” velada, nos pedidos, na necessidade de ser ajudado, de ser visto, de contato humano buscando nomear e espelhar o próprio sofrimento no outro, preenchendo assim o vazio do virtual e o sofrimento de uma castração marcante gerada pelas privações do momento incomum. Dessa forma, a transmissão de saber através de meios artísticos foi pensada com o propósito de humanizar a plataforma e o contato do aluno com o material acadêmico e ao mesmo tempo de implicá-lo no seu percurso acadêmico, possibilitando um investimento pulsional para amenizar a angústia e criar laço com o tutor (CHAREUN, 2020).

A partir desse contexto, para além do material didático, foram inseridas obras e produções artísticas na plataforma “sala de aula”. Inicialmente foram escolhidas frases e aforismos de autores e pensadores que estavam relacionados tanto ao conteúdo da disciplina quanto ao contexto no qual o aluno estava inserido. Para cada atividade se selecionaram músicas com videoclipe para acompanhar o aluno na produção da atividade acadêmica, sempre com o intuito de humanizar, de emocionar e

de transmitir saber aos acadêmicos (CHAREUN, 2020).

Depois dos primeiros efeitos percebidos, decidiu-se criar a postagem semanal “Poesia do dia”, onde para cada semana foi escolhida uma poesia e postada diariamente em cada disciplina e, ao longo do ano acadêmico, foram produzidas cartas e poesias originais do tutor com o intuito de proporcionar momentos de reflexão, questionamento e de transmissão de cultura.

Com isso, se o corpo do sujeito esbarrava com o vazio do virtual, de alguma forma a arte possibilitou um outro caminho para o encontro, atravessando os limites do distanciamento e da tecnologia (CHAREUN, 2020). De certa forma, a pulsão escópica e auditiva entraram em cena em um contexto virtual infértil e arenoso para investimentos libidinais do sujeito.

Assim, percebe-se que os efeitos e os atos gerados nessa experiência possibilitaram a partir do desejo do tutor e autor em escutar a demanda e abrir uma outra via para a transmissão de saber. Por isso, é na ordem da singularidade que esse processo se realizou, em que a escuta interpretou a demanda e essa foi devolvida com o propósito de subjetivar e mobilizar o outro.

5 FORMULAÇÕES E INTERPRETAÇÕES

As interpretações dos desdobramentos, após a introdução da arte no ambiente virtual, demarcaram um movimento diferente dos alunos na relação com o tutor e o sistema. Em primeiro lugar foi possível estabelecer uma comunicação mais pessoal e humana com os alunos, os quais procuraram contato pessoalmente via e-mail, *whatsapp*, e fóruns criados na “sala de aula”, comunicando o efeito que as mensagens, as músicas e as produções textuais geraram neles mesmos, na relação com o conteúdo didático e com a instituição. A partir dos recortes analisados dessas trocas foi possível escutar em alguns alunos uma notável diminuição da angústia em relação ao virtual e às dificuldades com a plataforma (CHAREUN, 2020). Alguns relatos enfatizaram que as músicas e as poesias acompanharam os percursos de estudo e de desenvolvimento das atividades lançadas no sistema. Outro efeito importante de ser demarcado é que também os professores se sentiram atravessados pela arte, e, além de se sentirem sensibilizados, utilizaram o material artístico ao longo das aulas virtuais. Assim, como colocado no primeiro relato produzido sobre essa experiência

“cabe ressaltar que este processo foi possível na medida em que foi acompanhado por uma escuta de cada caso e de cada demanda apresentada pelos acadêmicos” (CHAREUN, 2020, p.48).

Em relação à experiência vivenciada, acredita-se que foi uma escuta analítica alinhada ao laço do autor com a arte que possibilitou intervenções significativas na transmissão de saber virtual. De certa forma, a arte participou na produção de narrativas singulares que auxiliaram o aluno a amenizar e sublimar a angústia sentida naquele momento.

Na articulação entre psicanálise e arte, Freud (1910/1996) aponta a arte como sendo um produto humano e social que pode abrir um outro destino para a pulsão. Segundo o autor, ao destinar a libido, energia vital, na produção ou na contemplação de uma obra, o sujeito pode ressignificar o próprio afeto espelhando-se no produto da arte. Dessa forma, a pulsão poderia encontrar um destino diferente do sintomático e um esvaziamento de energia acumulada e causadora de desprazer no aparelho psíquico. Assim, percebe-se como a potência da criação artística pode “atravessar” o sujeito. “O sublime da arte diz respeito à sublimação possível da pulsão, na qual a função catártica estaria relacionada à sublimação, ou seja, à ação do sublime” (CHAREUN, 2020, p.46).

Em relação à experiência do aluno com a transmissão de ensino virtual, escutaram-se diferentes efeitos e movimentos gerados por essa mudança educativa e pela nova presença invisível do vírus COVID-19 que obrigou a comunidade a outras formas de viver no social. Por um lado, parte dos acadêmicos se angustiaram pelo indizível, pelo inesperado, pela irrupção de algo do Real. Nesse sentido, toma-se o conceito lacaniano de Real para “designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 645). Esse seria o Real que irrompe na realidade psíquica do sujeito como um resto que não cessa de não se inscrever, incontrolável e impossível de ser assimilado e racionalizado, algo que gera afetos enigmáticos e, ao mesmo tempo, avassaladores. Assim, o que foi percebido quando o aluno, diante do virtual desconhecido, sentiu-se desamparado e privado do conhecido é uma marcante dificuldade de suportar a frustração e a privação. Esse aspecto, pode ser articulado à leitura do mal-estar na educação apresentada na discussão teórica, a qual aponta o declínio da função paterna como uma possível interpretação sobre a dificuldade do sujeito contemporâneo em suportar a castração. Por outro lado, o contato com a dinâmica educativa

virtual contribuiu na amplificação do movimento de resistência do acadêmico em fazer laço com um saber emancipador, para se implicar com o seu percurso de estudos, sendo ator e não só espectador de seu processo de formação.

Frente essas duas análises, aparece uma questão importante de ser apontada, ou seja: a estranheza produzida pela mudança, pode estar mais próxima ao familiar do sujeito do quanto ele mesmo imagina. Com isso, parafraseando as palavras de Freud (1919/1996), “isso”, que aparece (in)familiar e assusta(dor), pode ser muito mais familiar do quanto se acredita, pois pressentifica no sujeito algo da ordem do recalçado e, assim, do inconsciente. Dessa forma, o virtual que irrompe na dimensão educativa, desestruturando os laços sociais, pode ter trazido em cena um retorno a um desamparo e a uma angústia já vividos anteriormente na história do sujeito. Nessa questão, a arte foi uma ferramenta que possibilitou o laço social, a coprodução, ultrapassando a impessoalidade e o vazio do virtual e da mera reprodução do saber, amenizando a angústia pelo estranho e simbolizando o in(familiar) para um familiar um pouco mais possível de laço e diálogo. A inquietação como promotora de movimento e não mais uma paralisia do pensamento frente ao desconhecido.

Diante dessas reverberações, defende-se a ideia de que os impasses, anteriormente discutidos, que atravessam a educação gerando mal-estar, estão amplificando e sustentando o movimento sintomático do sujeito na sua vida e na relação com o outro. Em outras palavras, se o sujeito se angustia ao presenciar a castração e os limites, a instituição educacional se prontifica em preencher a sua falta, atendendo a todo momento as suas demandas e evitando demandar muito dele. Nesse sentido, a educação a distância parece ser um método de ensino-aprendizagem que tende a entrar na lógica mercadológica do capitalismo: dar ao sujeito todas as ferramentas necessárias para gerar o mínimo esforço possível, investir na reprodução ao invés de produção de conhecimento e formar rapidamente, em nível tecnicista, um profissional para atender a mesma demanda que o mercado por sua vez produziu, sem desenvolver a ética e uma posição subjetiva frente ao saber. Dessa forma, o lado humano da educação e do saber, da troca e da presença corre o risco de ser esquecido e trocado por mais um objeto criado pelo imperativo categórico do capitalismo: goza!

Por outro lado, acredita-se que é possível pensar em uma transmissão de saber que vença as barreiras da resistência e do virtual. Nesse caso, a arte foi uma solução encontrada, mas as estratégias podem ser infinitas se relacionadas à dimensão da pulsão e do inconsciente. Com isso, revela-se fundamental questionar métodos

de aprendizagem que sempre mais estão ganhando força na dimensão educacional brasileira e escutar os processos de subjetivação que atuam no discurso capitalista.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da vivência relatada nessa pesquisa e da experiência em produzir esse trabalho, defende-se que a dimensão educacional é uma “pétala” do corpo social que está vivendo mudanças e efeitos devastadores e desestruturantes, que se refletem no sofrimento psíquico tanto dos profissionais quanto dos alunos. Ao mesmo tempo, a educação continua se apresentando como uma prática do impossível, demarcada pela impossibilidade de estruturar, criar, definir um método educativo exato e preciso. Esse é um ato possível na medida em que é criado singularmente para cada sujeito. Mais uma vez, os efeitos geradores de subjetivação se encontram em uma escuta e prática da ordem da singularidade e não da ordem da quantidade e da verdade.

Dessa forma, o que foi possível denotar, depois desse percurso, é a necessidade de investir e sustentar uma transmissão de ensino singular e que proporcione movimentos ativos dos sujeitos na própria busca do saber.

Como foi apontado na primeira produção dessa experiência (CHAREUN, 2020) a reprodução e o consumo de um saber sempre igual consigo mesmo, não só aniquila a paixão e a busca pelo saber, mas dificulta a formação de um sujeito ético e comprometido com o seu desejo. Por isso, o núcleo pulsante das trocas e das produções de saber são os encontros, não necessariamente físicos ou virtuais, que simbolizam aventuras, experiências intelectuais, momentos inéditos e originais.

Assim, se o mal-estar na educação é inevitável pois é impresso na sua marca de existência no social, é fundamental experimentar outras práticas educativas que não deneguem o limite e o não ao outro, mas que invistam no laço humano da presença, do corpo, da angústia, do indizível e do descontrole.

Por isso, educar significa também apresentar ao sujeito o limite ao gozo, à satisfação, produzir mais dúvidas e questionamentos do que respostas prontas e aliviadoras e, a final, o que é signifiante é o aprender a amar a impossibilidade de saber tudo, o mistério do saber e o produto do próprio esforço intelectual.

Longe de transformar a educação em mais um produto para o consumo, acre-

dita-se que o processo educativo deve em primeiro lugar lançar-se na investigação sobre o saber, enquanto objeto de desejo que falta e que vai continuar faltando, mas que pode sustentar um movimento ativo e vivo no sujeito.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. **O Discurso do Capitalista e o Mal Estar na Cultura**. 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/19133239/Sonia-Alberti-O-Discurso-Do-Capitalist-A-e-o-Mal-Estar-Na-Cultura>. Acesso em 02/08/2020.

CHAREUN, D. O lugar inovador da tutoria: a arte como linguagem além do virtual. In: **INOVAÇÃO em práticas de ensino-aprendizagem no ensino superior. Relatos de professores do Centro Universitário Avantis**. 2020, Balneário Camboriú: Editora Avantis. Disponível in: <https://www.uniavan.edu.br/biblioteca/editora-uniavan>. Acesso in: 28 Ago. 2020.

DARRIBA, V.; D'ESCRAGNOLLE, M. A presença do capitalismo na teoria dos discursos de Lacan. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XX, n.2, p. 543-558, mai./ago., 2017.

FIGUEREDO, L., C., MINERBO, M. Pesquisa em Psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal em Psicanálise**, São Paulo, n. 39(70), p. 257-278, jun., 2006.

FREUD, S. O Estranho. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1919/1996. (Vol. XVII).

_____. O Mal-Estar na Civilização. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. Original publicado em 1930/2006. (Vol. 21).

_____. O Moisés de Michelangelo. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1910/1996. (Vol. XIII).

_____. Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn. In: **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** Rio de Janeiro: Imago Original publicado em 1925/1980. (Vol. XIX).

_____. S. Pulsões e destinos da pulsão. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. Original publicado em 1915/2004. (Vol. 14).

_____. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1912/2010. (Vol. 10).

_____. Sobre as teorias sexuais das crianças. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. Original publicado em 1908/2004.

_____. Três ensaios sobre uma teoria sexual. Rio de Janeiro: **Delta**, 1974. Original publicado em 1905.

GUIMARÃES R. M., BENTO, V., E., S. O método do “estudo de caso” em psicanálise. **Psico**, Porto Alegre, v.39, n.1, p. 91-99, jan./mar., 2008.

KUPFER, C. M. **Freud e a educação**. O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

LACAN, J. (1957-1958) **O seminário**: livro 5. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1969-1970) **O seminário**: livro 17. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MARIOTTO, R. M. M. Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso. **Educar em Revista**, Paraná, n. 64, 2017. Disponível em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/1550/155050694004/html/index.html>. Acesso em: 1 jun 2020.

RECALCATI, M. *L'ora di lezione: Per un'erotica dell'insegnamento*. Torino: Giulio Einaudi, 2014.

ROUDINESCO, E., PLON., M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, A. T. Desejo e sexualidade na constituição do conhecimento. In: O declínio dos saberes e o mercado do gozo. Col. **LEPSI IP/FE-USP**, São Paulo, FE/USP, An. 8, 2010. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032010000100009&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 19 jun. 2020.

SILVA, E. M. A. Mal-estar: marca da escola na contemporaneidade? In: **RETRATOS do mal-estar contemporâneo na educação**. v.9, 2012, São Paulo. FE/USP, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032012000100005&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 17 jun. 2020.